

ANDRADE, Fernanda Borges de¹

BENETI, EDUARDA²

RODRIGUES, JEAN²

ROMÃO, GIOVANNA GABRIELA NASCIMENTO³

LUCCA, ARTHUR LOPES DE⁴

MENEZES, MEL ROLDÃO⁵

ANDRADE, FERNANDA BORGES DE⁶

RESUMO: O projeto *A Cidade Fala: O Clima Nosso de Cada Dia* nasceu da inquietação diante dos impactos socioambientais associados às mudanças climáticas e foi desenvolvido pelo grupo PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM). Diante das evidências crescentes sobre as mudanças climáticas, a iniciativa buscou ampliar o diálogo e envolver a população. Nesse contexto, foram realizadas entrevistas com moradores de Uberaba/MG em pontos movimentados da cidade, como a Rua Arthur Machado e a Praça Rui Barbosa, além de uma entrevista com uma vereadora do município, com o objetivo de explorar diferentes perspectivas sobre o tema. As conversas geraram reflexões sobre justiça climática, planejamento urbano, negacionismo e o embate entre ciência e religião. As entrevistas gravadas foram divulgadas no Instagram do PET CNM, ampliando o alcance da discussão. Fundamentado na educação popular de Paulo Freire, o projeto promoveu aprendizagem coletiva e estimulou uma cidadania mais engajada com a justiça climática e o desenvolvimento sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Mudanças climáticas; Educação popular; Entrevistas; Comunidade; Justiça climática.

¹ Bolsista do grupo PET Conexões de Saberes: Ciências da Natureza e Matemática.
E-mail: feborgesaz@gmail.com

² Integrante do PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM) campus Univerdecidade. E-mail: eduardabeneti9@gmail.com

² Egresso do PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM) campus Univerdecidade. E-mail: jerodriques119@gmail.com

³ Egresso do PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM) campus Univerdecidade. E-mail: giovannagnromao@gmail.com

⁴ Egresso do PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM) campus Univerdecidade. E-mail: arthurdelucca51@gmail.com

⁵ Egresso do PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM) campus Univerdecidade. E-mail: melmenezersoldao22@gmail.com

⁶ Tutora do PET Conexões de Saberes – Ciências da Natureza e Matemática (PET CNM) campus Univerdecidade. E-mail: fernanda.andrade@uftm.edu.br

THE CITY SPEAKS: OUR DAILY CLIMATE

ABSTRACT: The project *A Cidade Fala: O Clima Nossa de Cada Dia* emerged from concerns about the socio-environmental impacts associated with climate change and was developed by the PET Conexões de Saberes – Natural Sciences and Mathematics group (PET CNM). In light of the growing evidence of climate change, the initiative sought to broaden dialogue and engage the local population. In this context, interviews were conducted with residents of Uberaba/MG in busy public spaces, such as Rua Arthur Machado and Praça Rui Barbosa, as well as with a city councilwoman, aiming to explore different perspectives on the topic. The conversations generated reflections on climate justice, environmental racism, lack of urban planning, denialism, and the tension between science and religion. The recorded interviews were shared on PET CNM's Instagram, expanding the reach of the discussion. Grounded in Paulo Freire's approach to popular education, the project fostered collective learning and encouraged more engaged citizenship in climate justice and sustainable development.

KEY-WORDS: Climate change; Popular Education; Interviews; Community; Climate Justice.

INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas, resultantes do aquecimento global e do uso desenfreado de fontes de energia não renováveis, tornaram-se uma influência significativa no cotidiano de todas as pessoas. Eventos climáticos extremos são hoje uma realidade cada vez mais severa, exigindo estudos sobre o tema e sua influência na opinião social (Cortese; Natalini, 2014).

Os desafios impostos pelas mudanças climáticas são inúmeros, incluindo aumentos recordes de temperatura, maior frequência e intensidade de desastres e a perda de biodiversidade. Esse fenômeno não apenas ocupa a agenda ambiental mundial, mas também gera um efeito cascata que impacta diversas esferas governamentais, influenciando políticas, economia, sociedade e cultura, impactando a saúde pública, segurança alimentar e oferta de energia e água (Lima; Layrargues, 2014).

No contexto local, Uberaba (MG), assim como diversas outras cidades brasileiras, enfrentou recentemente uma grave crise hídrica devido a um longo período de seca, principalmente em áreas periféricas da cidade, revelando a desigualdade no contexto socioambiental. No entanto, as causas desse fenômeno ainda eram pouco compreendidas pela população, o que evidenciou a necessidade de maior divulgação e debate sobre o tema (G1, 2024).

Diante dessa necessidade, uma das reuniões do PET CNM resultou na proposta do Projeto de Pesquisa/Extensão intitulado "A Cidade Fala: o clima nosso de cada dia". Idealizado inicialmente pela petiana Eduarda Beneti, o projeto recebeu amplo apoio dos petianos do grupo e da tutora, consolidando-se como uma iniciativa relevante para a compreensão das percepções sociais sobre o clima.

Consideramos que abordar essa problemática, frequentemente negligenciada pelo poder público, e torná-la conhecida pelos cidadãos é uma estratégia fundamental para promover diálogos construtivos e incentivar a conscientização coletiva. Com essa discussão, é possível não apenas esclarecer os fatores que contribuem para a escassez hídrica, mas também expandir o debate sobre as mudanças climáticas globais, estimulando o engajamento da sociedade na busca por soluções sustentáveis e na cobrança por políticas públicas mais eficazes.

A partir dessa perspectiva, o petiano Gabriel dos Santos Batista sugeriu que levássemos as entrevistas também aos políticos da cidade, com o objetivo de cobrar atitudes mais efetivas do poder público. Isso permitiu não só ampliar o debate sobre os impactos antrópicos, mas também pressionar os gestores locais a adotar políticas públicas que visem à adaptação climática de uma maneira mais resiliente e sustentável, promovendo uma maior qualidade de vida às populações mais vulneráveis.

Portanto, a pesquisa tem como objetivo principal promover diálogos abertos e reflexivos sobre as mudanças climáticas, investigando as percepções, preocupações e nível de conscientização da população em relação a essa temática. Além disso, analisa como essas percepções influenciam comportamentos e atitudes diante dos impactos socioambientais.

Os dados coletados foram utilizados para a criação de conteúdos informativos e educativos, posteriormente divulgados nas redes sociais do PET CNM, ampliando o alcance da pesquisa e contribuindo para a conscientização dos seguidores e da comunidade sobre a importância da questão climática. Dessa forma, o projeto busca não apenas entender a visão da sociedade sobre as transformações ambientais no planeta, mas também incentivar debates e reflexões sobre ações individuais e coletivas para enfrentar a atual crise socioambiental.

Os resultados evidenciam que, embora a maioria dos entrevistados reconheça alterações climáticas no cotidiano, persistem ambiguidades, influências religiosas e lacunas informacionais, reforçando a necessidade de ações educativas dialógicas e territorializadas.

METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa buscou compreender a percepção dos moradores de Uberaba sobre as mudanças climáticas por meio de entrevistas semiestruturadas, conforme Oliveira; Guimarães e Ferreira:

Dentre as várias técnicas na coleta de dados, as entrevistas semiestruturadas ocupam um lugar de destaque, principalmente por possibilitarem mediante interação verbal a apreensão de significados, valores, crenças e opiniões dos participantes. Sua flexibilidade e versatilidade permitem a compreensão da realidade escolar com uma profundidade dificilmente alcançada por outros instrumentos ou técnicas.
(2023, p. 232)

A coleta principal de dados ocorreu no dia 12/03/2025, das 14h às 16h, na Praça Rui Barbosa e na Rua Arthur Machado, 67 – Centro, Uberaba – MG, com membros da comunidade que aceitaram participar da entrevista. Posteriormente, em datas previamente agendadas, foram combinadas entrevistas com alguns políticos da cidade para discutir as mudanças climáticas e as políticas ou projetos da prefeitura voltados para o enfrentamento dessas questões. No entanto, a maioria dos agendamentos foi remarcada ou cancelada, incluindo os com a prefeita e vereadores. Até o dia

28/03/2025, apenas uma vereadora da cidade concedeu a entrevista (Figura 1).



Figura 1: Entrevistas na Praça Rui Barbosa, na Rua Artur Machado e no gabinete da vereadora Rochelle.

Fonte: Arquivo do PET CNM, 2025.

Para as entrevistas, os petianos foram organizados em trios, tendo cada membro desempenhado um papel específico, um conduziu a conversa, outro ficou responsável pela gravação em vídeo e o terceiro coletou os dados dos entrevistados e recolheu a assinatura do Termo de Autorização de Uso de Imagem.

Antes do início das entrevistas, os participantes ouviram uma breve apresentação do Programa PET e o objetivo da pesquisa, seguida da assinatura do Termo de Autorização de Uso de Imagem. O entrevistador guiou a conversa com perguntas semiestruturadas, permitindo que os entrevistados expressassem livremente suas opiniões, relatos e experiências. As perguntas formuladas foram: I) Você acredita em mudanças climáticas?; II) Percebe diferenças no clima aqui de Uberaba ou de outros lugares?; III) Já passou ou conhece alguém que já tenha passado por um evento climático extremo? Se sim, qual?; IV) Já mudou algum hábito por conta do clima? Se sim, quais?; V) Pratica algum hábito sustentável? Se sim, quais? e VI) O que mais acredita que contribui para as mudanças climáticas atuais?

Durante a entrevista com a vereadora, foram discutidas as políticas de Uberaba para lidar com os impactos das mudanças climáticas e adaptar a cidade a esses desafios. A mesma foi questionada sobre como a cidade pode se adaptar aos eventos climáticos extremos, melhorar a infraestrutura

urbana, aumentar as áreas verdes e promover o reflorestamento após as queimadas. Também foi abordada a necessidade de reduzir o impacto da monocultura e incentivar práticas agrícolas sustentáveis, além da implementação de campanhas educativas sobre o clima e sustentabilidade.

Tendo como inspiração o pensamento de Paulo Freire (1996), segundo o qual "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção", buscamos criar um espaço de trocas e saberes. Essa abordagem metodológica propõe a educação como um ato de liberdade, que pode acontecer em diversos ambientes por um processo dialógico.

A amostragem foi intencional, composta por 19 participantes de perfis diversos (moradores, trabalhadores e uma representante política). O procedimento analítico baseou-se na análise de conteúdo das falas, considerando categorias emergentes ligadas à percepção ambiental, crenças e atitudes sustentáveis. As principais limitações da pesquisa residem na amostra reduzida e no recorte geográfico local.

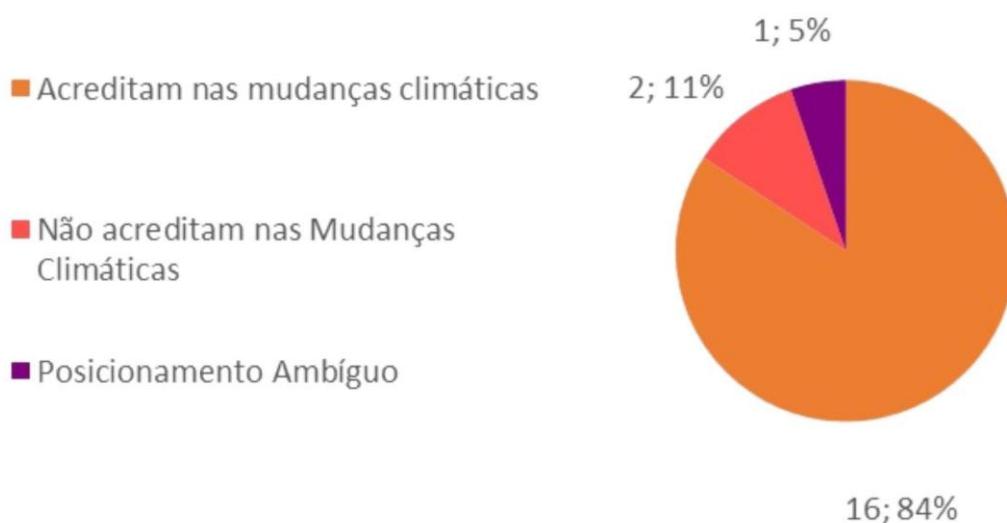
A análise dos dados foi realizada por meio da análise de conteúdo, conforme Bardin, em três etapas: (i) pré-análise, com leitura flutuante das transcrições das entrevistas; (ii) exploração do material, com codificação das falas e identificação de núcleos de sentido; e (iii) tratamento e interpretação dos resultados. A partir desse processo, emergiram categorias analíticas relacionadas à percepção das mudanças climáticas, crenças e negacionismo climático, experiências com eventos extremos, práticas sustentáveis cotidianas e responsabilidades atribuídas ao poder público e à sociedade civil.

Os vídeos foram editados e disponibilizados no quadro "A Cidade Fala: O Clima Nossa de Cada Dia", publicados em uma das redes sociais do grupo. No caso, foi selecionado o Instagram do PET CNM (@pet_cnm), permitindo o acesso da comunidade ao conteúdo e, além disso, discutir com o público diferentes perspectivas sobre mudanças climáticas, crises ambientais e possíveis ações sustentáveis no cotidiano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das 19 entrevistas realizadas revela que a maioria dos cidadãos percebe mudanças no clima ao longo do tempo, algo que é reflexo do aumento da temperatura já registrado nos últimos anos. Entre os principais sinais apontados estão o aumento da temperatura (Entrevistados 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14 e 18), a irregularidade das chuvas (Entrevistados 1, 9, 10 e 11) e a falta de uma distinção clara entre estações do ano (Entrevistados 6 e 9).

Embora muitos entrevistados não tenham presenciado eventos climáticos extremos de forma direta, a maioria acompanhou, por meio da mídia, notícias sobre enchentes, queimadas e o derretimento das geleiras, que são frequentemente divulgadas como “desastres naturais”, diluindo a responsabilidade humana. Além disso, entre os participantes das entrevistas, duas pessoas disseram não acreditar no aquecimento global, dentre elas uma jovem de 16 anos e uma terceira que adotou uma posição ambígua sobre o tema (Gráfico 1).

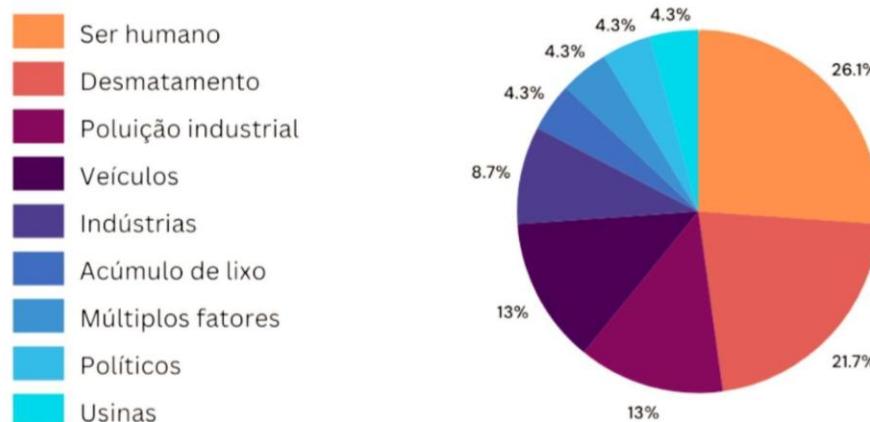


n = 19 entrevistados. Local: Uberaba-MG. Data: 12/03/2025.

Gráfico 1: Posicionamento dos entrevistados sobre as mudanças climáticas
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A presença do negacionismo ou a falta de um posicionamento claro pode ser atribuída a várias questões, como: 1) a escassez de discussões sobre o tema em escolas e ambientes informais de aprendizagem; 2) a falta de uma divulgação clara e objetiva; 3) crenças religiosas que conflitam com a ciência ou que não envolvem contato direto com a natureza; e 4) a visão de pessoas em setores produtivos que enxergam a natureza apenas como um recurso próprio e infinito.

Quando questionados sobre os principais agentes causadores das mudanças climáticas, a ação humana de maneira geral foi amplamente citada, evidenciando a percepção de que o ser humano tem um papel determinante nas mudanças ambientais. A maioria atribui os impactos às atividades antrópicas, como desmatamento, poluição industrial, uso excessivo de automóveis e queimadas, impulsionadas pelo desenvolvimento tecnológico e pela expansão territorial (Gráfico 2).



n = 19 entrevistados. Local: Uberaba-MG. Data: 12/02/2025.

Gráfico 2: Principais fatores responsáveis pelas mudanças climáticas

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Alguns entrevistados, no entanto, complementaram suas respostas com fatores religiosos, mencionando profecias judaico-cristãs que associam os desastres ambientais ao fim dos tempos. Outros, por sua vez, relacionaram essas crenças a um fortalecimento pessoal. Isso demonstra como, além das práticas não sustentáveis, o entendimento religioso também pode influenciar a interpretação sobre as mudanças climáticas.

A religião frequentemente constitui o principal e primordial conhecimento das pessoas, sendo muitas vezes utilizada para justificar e explicar diversos aspectos da vida, como a origem e o fim da existência humana. A entrevistada 9 compartilhou suas observações sobre as mudanças climáticas, ressaltando o aumento da temperatura e a redução dos períodos de frio, comentando que, em 2008, o frio era mais prolongado.

No entanto, quando questionada sobre sua crença no aquecimento global, ela hesitou, pensou por um momento e coçou a cabeça. Depois, respondeu:

Eu acredito, mas, assim, tenho outra opinião também. Eu acredito que sim, está aquecendo, mas também tenho outra visão. Eu acredito muito em relatos bíblicos, que falam sobre a aproximação do fim dos tempos. Tem o trem do clima, essas coisas, mas eu também acredito nessa outra teoria (Entrevistada 9, 2025).

Sua resposta reflete uma perspectiva que pode ser compreendida à luz da teoria de Ian Barbour sobre as relações entre religião e ciência, que propõe quatro possíveis relações: 1) Conflito, onde cientistas céticos e religiosos extremos se veem como inimigos, e a mídia aproveita essa tensão para gerar polêmica; 2) Independência, em que ciência e religião são vistas como esferas incomensuráveis, com abordagens tão distintas que, para alguns, devem ser mantidas separadas, sem interagir ou se influenciar mutuamente; 3) Diálogo, que busca uma aproximação entre ciência e religião, identificando pontos de semelhança, criando um espaço construtivo para troca de ideias; 4) Integração, na qual existe uma colaboração verdadeira entre as duas vertentes, pois ambas trabalham juntas de maneira complementar para explicar fenômenos e compreender a realidade de forma mais ampla e inclusiva (Sanches, Danillas, 2012).

É perceptível como essas diferentes cosmovisões, sejam religiosas ou científicas, interagem no entendimento do mundo atual. Montalvão (2014, p.3) afirma que: "O que é essencial que se comprehenda, é que tanto a religião quanto a ciência são construções humanas, ou seja, passíveis de alterações e de quebra de paradigmas". Essa flexibilidade das áreas abre espaço ao diálogo e ao novo.

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, Ailton Krenak, filósofo indígena, discorre sobre essa ideia de "fim do mundo", comumente ligada a uma visão apocalíptica. No entanto, ele argumenta que esse "fim" já está em curso, não como um evento único, mas como um processo gradual impulsionado pela forma como a sociedade contemporânea se organiza, consome e se relaciona com o planeta. Para Krenak, o fim do mundo está intimamente ligado à destruição das sabedorias acumuladas ao longo de milênios pelos povos originários, que viveram em harmonia com a natureza.

Portanto, esse "fim" não se manifesta apenas na degradação ambiental, mas também no esvaziamento espiritual e cultural da humanidade. Diferente dos relatos bíblicos, não se trata de algo que está por vir, mas de um processo que já está em curso. Não é um evento isolado, de um dia ou uma semana, mas uma transformação contínua que afeta diretamente as populações mais vulneráveis. Nesse contexto, a desigualdade social se torna ainda mais escancarada, evidenciando um ciclo histórico de exploração persistente.

Para adiar esse fim, é proposta a retomada de práticas que respeitem a natureza e uma resistência ativa contra os sistemas de exploração e destruição que dominam a sociedade moderna. Ele nos convoca a refletir sobre a urgência de revermos nossas relações com o meio ambiente e com as tradições que preservam os saberes fundamentais para a convivência sustentável e equilibrada com o planeta.

Sendo assim, essa visão holística valoriza a ideia de totalidade e conexão, onde as diferentes teorias não precisam estar tão distintas, mas sim alinhadas a um propósito comum, coletivo e integrador. As diversas áreas de atuação, como o conhecimento, o poder público e a sociedade civil, devem tratar as questões ambientais como essenciais, buscando soluções que considerem os impactos em múltiplos níveis, como individual, social, cultural, histórico e ambiental.

As mudanças climáticas se revelam como um fenômeno multifatorial. Uma mulher negra, ex-varredora de rua, compartilhou em sua entrevista, uma experiência impactante: enquanto estava grávida, enfrentou uma enchente em que as águas chegaram até a altura de sua barriga. Ela

também trouxe à tona a questão do descarte inadequado de resíduos e a falta de respeito com os trabalhadores, refletindo sobre a responsabilidade socioambiental quando afirma: "O homem só destruiu até agora. Não adianta culpar só os políticos, também devemos fazer a nossa parte" (Entrevistada 15, 2025).

Essa declaração ressalta a necessidade da ação individual e comunitária, pois, embora o poder público tenha um papel principal, o movimento pela justiça climática evidencia que mulheres e meninas, particularmente no Sul Global, são algumas das populações mais afetadas pelas mudanças ambientais. Elas enfrentam uma série de desigualdades interligadas, que precisam ser compreendidas através da perspectiva da interseccionalidade, levando em conta as múltiplas camadas de discriminação e vulnerabilidade que impactam suas vidas (Louback; Lima, 2022).

Sobre as soluções para minimizar os impactos das mudanças climáticas, muitos entrevistados apontaram que pequenas ações individuais podem fazer diferença, como plantar árvores, reduzir o uso de plástico, separar os recicláveis e economizar recursos naturais (Entrevistados 1, 2, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 16 e 18). Outros enfatizaram a necessidade de mudanças mais estruturais, como políticas de conscientização e regulamentação ambiental mais eficazes (Entrevistados 1, 12 e 13).

A preparação para lidar com as mudanças climáticas também foi abordada, com muitos afirmado não se sentirem preparados para os impactos futuros, e destacando que a sociedade, de maneira geral, também não está pronta. Isso pode refletir a insegurança da comunidade diante dos desafios atuais, que muitas vezes é fomentado pelo desconhecimento. Alguns entrevistados demonstraram esperança na união das pessoas para reverter os danos socioambientais (Entrevistados 1 e 4), enquanto outro (Entrevistado 10) enfatizou a necessidade de uma mudança cultural profunda para enfrentar as crises de forma mais eficaz, apontando o consumismo como um fator central na sociedade atual.

Apesar da percepção generalizada sobre os impactos das mudanças climáticas, há diferentes formas de interpretação sobre suas causas e soluções. O envolvimento governamental, a conscientização da

população e a adoção de práticas sustentáveis foram apontados como aspectos essenciais para mitigar os impactos socioambientais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistas indicaram que ações para reduzir o impacto humano são conhecidas, mas pouco praticadas. Fica evidente que as cidades precisam se adaptar às mudanças climáticas, adotando um planejamento urbano mais sustentável e resiliente, capaz de suportar eventos extremos, como enchentes, que são cada vez mais frequentes.

A adaptação envolve a implementação de infraestrutura adequada para o escoamento das águas pluviais, além da criação de áreas de retenção e sistemas de drenagem eficientes. Deve-se dar atenção especial às áreas periféricas, que, por serem mais vulneráveis, exigem um cuidado maior na infraestrutura para minimizar os danos.

Outro ponto fundamental é a valorização das áreas verdes, que não só contribuem para a climatização das cidades, mas também desempenham um papel essencial na contenção das chuvas. Em ambientes urbanos, onde o crescimento desordenado muitas vezes resulta na impermeabilização do solo, a vegetação ajuda na absorção de grandes volumes de água, funcionando como uma esponja natural e reduzindo o risco de alagamentos.

O movimento pela justiça climática busca destacar os verdadeiros responsáveis históricos por essa crise global, que afeta de maneira profundamente antidemocrática os grupos mais vulneráveis. Para construir uma sociedade mais justa, é fundamental que os municípios implementem políticas de prevenção, como o mapeamento de áreas de risco, a criação de zonas seguras e programas educacionais que incentivem práticas sustentáveis. Além disso, é essencial promover fóruns participativos para envolver a população nas decisões climáticas e desenvolver campanhas de conscientização sobre consumo responsável e reciclagem.

Sendo assim, é necessário que a Educação Ambiental seja tratada como uma prioridade tanto em ambientes formais quanto informais de aprendizagem. Para enfrentarmos os desafios das mudanças climáticas e garantir um futuro sustentável e ecológico, é fundamental que as pessoas,

desde a infância até a vida adulta, estabeleçam uma conexão profunda com a natureza.

Além disso, ao integrar a produção de conteúdo para mídias sociais, a iniciativa expande as discussões ambientais, permitindo que mais pessoas se envolvam de maneira dinâmica e acessível. Essa experiência também proporciona aos petianos o desenvolvimento de habilidades importantes para sua trajetória acadêmica e profissional, ao mesmo tempo que gera dados que podem enriquecer futuras pesquisas na área de educação ambiental.

Sem dúvida, o projeto tem demonstrado um impacto significativo na vida dos petianos e da comunidade em geral, promovendo reflexões críticas e pertinentes sobre questões fundamentais como justiça climática, racismo ambiental e a importância da participação comunitária.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARBOUR, Ian G. **Quando a ciência encontra a religião: inimigas, estranhas ou parceiras?** São Paulo: Cultrix, 2004.
- CORTESE, Tatiana Teixeira Pires; NATALINI, Gilberto. **Mudanças climáticas: do global ao local.** Barueri, SP: Manole, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- G1 TRIÂNGULO MINEIRO. **Situação de emergência de desabastecimento de água é declarada em Uberaba;** quem desperdiçar água pode ser multado. Uberaba, 16 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulomineiro/noticia/2024/09/16/situacao-de-emergencia-de-desabastecimento-de-agua-e-declarada-em-uberaba-quem-desperdicaragua-podera-ate-ser-multado.ghtml>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa; LAYRARGUES, Philippe Pomier. **Mudanças climáticas, educação e meio ambiente: para além do conservadorismo dinâmico.** *Educar em Revista*, Curitiba, v. 30, p. 157-172, 2014. DOI: 10.1590/0104-4060.38108.
- LOUBACK, Andréia Coutinho; LIMA, Letícia Maria R. T. **Quem precisa de justiça climática no Brasil?** Piracicaba, SP: Laboratório do Observatório do Clima (LABOC), 2022.

MONTALVÃO NETO, Antônio Luiz; FERNANDES, Hylio Laganá. **Evolução e religião: perspectivas e reflexões de uma prática docente a partir de uma dualidade histórica.** In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SINECT), 4., 2014, Ponta Grossa. *Anais...* Ponta Grossa: UTFPR, 2014. p. 1–12.

OLIVEIRA, Silvana; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jéssica Lopes. **As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação.** *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210–236, maio/ago. 2023. DOI: 10.5965/1984723824552023210.

SANCHES, Mario Antonio; DANILAS, Sandra. **Busca de harmonia entre religião e ciência no Brasil: reflexões a partir do ano de Darwin.** *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 98–118, 2012.